



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA
RITA

O SEculo

Como se aprende sonhando

Por MARIA ALDA
Desenhos de Castañé

LILINNA acordou sobressaltada e, esfregando muito os olhitos, sentou-se na cama. Pegando, em seguida, na sua querida «Mascotte», suspira como que aliviada dum grande peso. Tinha despertado dum sonho horrível, um verdadeiro pesadêlo. Embalando a sua boneca — a sua Mascotte, — fica-se pensando no sonho que acabara de despertar. Estava arrumando o quarto dos brinquedos, tendo por companhia a «Mascotte» e o «Pachá», um lindo gato francês. Lilinha adora a «Mascotte»; o «Pachá» detesta-a, porquanto, por causa dela, sente-se um pouco abandonado.

— O «Pachá», de facto, tinha mais carinhos antes daquela intrusa — a «Mascotte» — ir para a posse de Lilinha.

Lilinha continua recordando o seu sonho. A boneca estava deitada no seu pequenino berço muito branco, quando um rato, um enorme rato, entra pelo quarto e começa a roer os lindos cabelos da «Mascotte». Lilinha, muito assustada, tremendo como varas verdes, não se atreve a afugentar o rato, e, muito devagarinho, chama pelo «Pachá» que dormitava a um canto, e que acode pressuroso ao chamamento da dâna. Esta indica-lhe o rato e incita-o a que o cace; mas «Pachá» olha indiferente, parecendo até satisfeito e resolvido a reconciliar-se com os seus tradicionais inimigos — os ratos, — porquanto lhes ficava devendo o ver satisfeitos os seus desejos de vingança: — A «Mascotte» pelada, roída, inutilizada enfim! Mas, nisto, a uma súplica mais enternecida de Lilinha, põe de parte as suas idéas de vingança, e, dum sallo, agarra o rato e mata-o.

Lilinha sente remorsos pelo abandono a que tem votado o seu dedicado e velho amigo «Pachá». Acaricia-o e promete a si mesma dar-lhe, de futuro, melhor tratamento.

E' que a linda e gentil Lilinha, a-pesar-de muito ladina, tem muito bom coração, reconhecendo facilmente que num coração bem formado há lugar para muitas afeições.



Toda entregue ainda a reconstituir todos os episódios do sonho, sentiu Lilinha um ligeiro rumor. Era o «Pachá» que entrava no quarto. Então, saltando ligeira da cama, corre para o gato, pega-lhe e acaricia-o, dizendo-lhe:

— Perdôa, meu bom «Pachá»; é bem verdade o que o sonho me disse, — pelas novas, não se devem esquecer as velhas afeições! Voltas a ocupar, no meu coração, o lugar que antigamente tinhas!

F I M

PODERER É QUERER

POR TOUTINEGRA

DESENHOS DE CASTAÑÉ

PERDERA a mãezinha tendo seis anos apenas e fôra logo para um enorme colégio. Que diferença a da vida com sua mãe, que a enchia de mimos, para a do colégio; mas, como tinha muitas meninas com quem brincar nas horas de recreio, depressa se habituou.

A Aldocas fôra sempre boazinha e, por isso, quando, tendo doze anos, se viu forçada, por motivos de saúde, a deixar o colégio, tudo chorou; professoras, condiscípulas e até os criados a quem ela, sujeitando-se a ficar sem doces, de que tanto gostava, dava o dinheiro que, todos os meses, o pai lhe entregava, quando a ia visitar.

Deixando o colégio, foi a Aldocas para uma linda aldeia onde o ar puro e o delicioso cheiro dos pinheiros, que a rodeavam completamente, a curariam da falta de apetite e anemia que o muito estudar e a muita brincadeira haviam feito. Mas que diferença! A vida do colégio com tantas meninas, todas amiguinhas, e a daquela aldeia onde não conhecia pessoa alguma! E a Aldocas chorava, lastimava-se, alligindo o pobre paizinho que não sabia como remediar seu desgosto. Felizmente, com o decorrer do tempo, Aldocas relacionouse e, passado um mês, já juntava quasi todas as tardes algumas amiguinhas. As mais assíduas eram a Vi, a Narura e a Naír.

De princípio as tardes passavam-se agradavel-

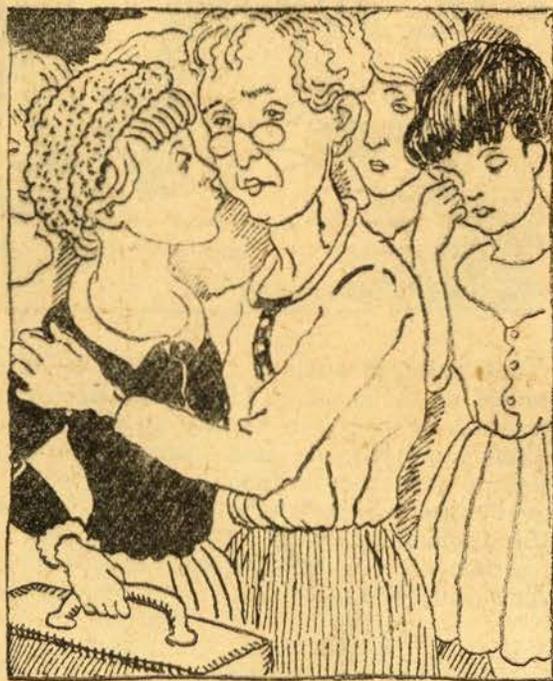


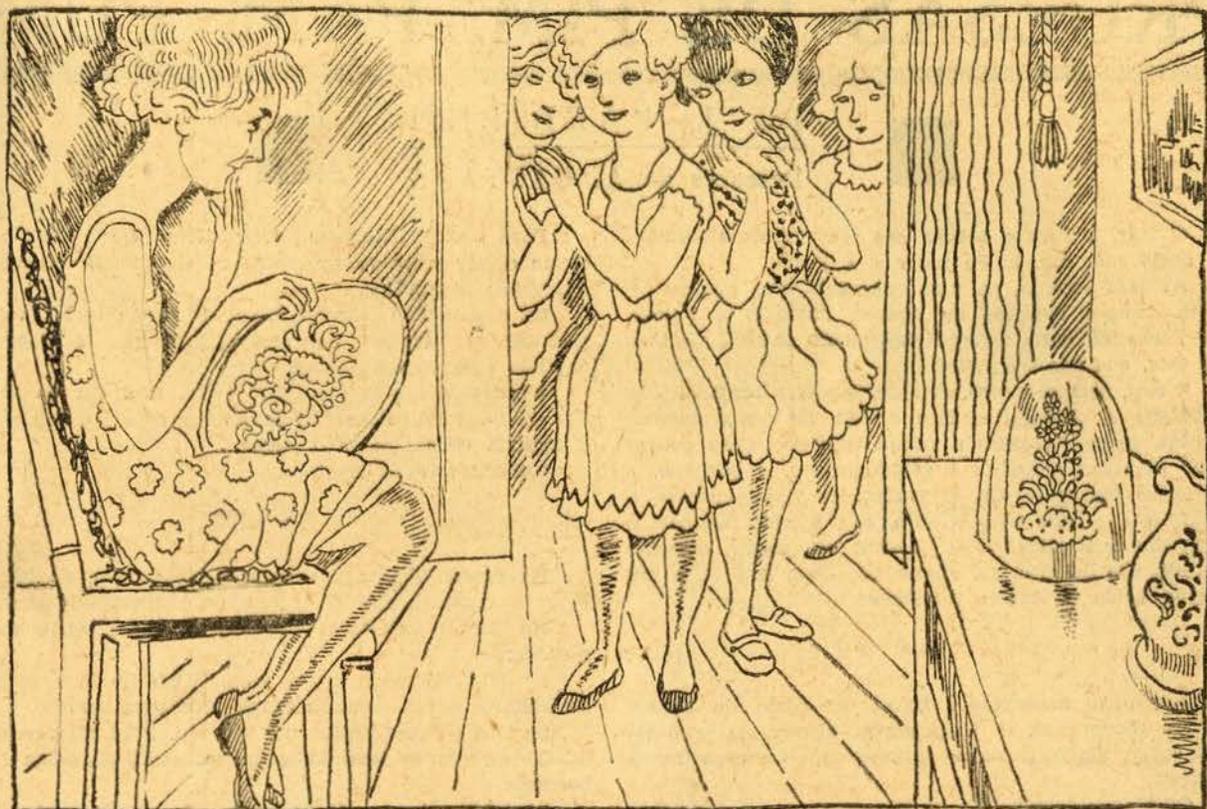
mente e Aldocas assumia um papel de rainha, contando às pobres meninas da aldeia coisas do seu colégio, da cidade, que, para elas, que habitavam sempre ali, era uma espécie de paraíso encantado.

O piano, que o pai de Aldocas, para tornar mais agradável o tempo, lhe trouxera, e que ela tocava admiravelmente, também tinha um importante papel naquelas tardes de quietitude e encanto que são as tardes na aldeia. Mas tudo o que é muito repetido acaba por maçar e as amiguinhas da Aldocas começaram a levar os seus bordados e iam conversando e trabalhando, passatempo de que ela já não gostava tanto. Para mais não sabia coser coisa alguma. Era primorosa a educação e instrução que recebera no colégio mas, apesar-de lá também ensinarem a bordar, a Aldocas nunca aprendera porque nunca tivera paciência para estar muito tempo sentada, puxando uma agulha, cobrindo de pontos, mais ou menos fáceis, um pedaço de pano. Agora sentia desgosto e, quando via as coisas lindas feitas pelas novas amiguinhas, sentia-se tentada a experimentar, mas quando elas lhe passavam o trabalho para as mãos e via a dificuldade dele, desistia dizendo: — Não sei! Não posso!

Já havia começado alguns trabalhos mas todos eles estavam no fundo de uma gaveta; não findara nenhum.

Certa tarde, chovia a cântaros e as amiguinhas





da Aldocas estavam, por isso, impossibilitadas de lhe irem fazer companhia, o que muito a entristecera. Com a gentil cabecita encostada aos vidros onde corriam gotas de água, como se os vidros chorassem o seu desgosto de estar só, olhava o céu. Estava cinzento, nem um bocadinho do lindo azul, de que era feito, aparecia, e, assim, perdeu toda a esperança de que o dia melhorasse. Retirou-se da janela, tocou, leu mas tudo a aborrecia. Abriu, casualmente, uma gaveta. Lá estava um dos trabalhos começados, tirou-o. Era, talvez, o mais difícil e ficou a olhá-lo. Depois, sentando-se, pensou: — E se eu experimentasse, com muita paciência?!... E assim fez...

Quando a criada a chamou para lanchar, ficou admirada da rapidez com que o tempo passára. O bordado já tinha uma parte feita que, ponto a ponto, ia ficando mais perfeita.

Lanchou depressa e voltou a coser.

Ao outro dia, o tempo estava bom e a Vi, Naurra e a Naírvieram para junto da Aldocas que sorrindo e muito corada lhe mostrou o trabalho do dia antecedente, ouvindo unânimes aplausos e elogios, todos sinceros e merecidos.

Desde então, Aldosca não mais se aborreceu, e enquanto esteve na aldeia aprendeu com as amiguinhas muitas coisas lindas. Agora, completamente boa, voltou para Lisboa mas, quasi todos os meses, as crianças pobres da aldeia, onde ela esteve, recebem peças de vestuário que ela, aproveitando o tempo que lhe sobra, confecciona com todo o jeito e arte. A Aldocas concorda agora que, a uma menina, seja qual for a sua condição social, coser e bordar é sempre útil e lindo. Mais uma vez se provou a verdade do ditado:

Poder é querer.

F I M

SOMBRAS NA PAREDE



UM POLICIA

UM POLICHINELO

UMA POMBA

PROESAS DE PIM, PAM, PUM

Por J. PARDILHÓ

Desenhos de A. CASTAÑÉ

O Pim, a Pam e o Pum são três heróis afamados, de quem, um dia, há-de rezar a História.

As suas proezas, as suas aventuras, em que conseguem sempre livrar-se de apuros, narra-as o *Século*, em letras de ouro, no seu suplemento infantil. Tantas são elas, que não teem fim.

E eles, sempre novos, sempre moços, a força da sua mocidade a desabrochar-lhes a flôr de novos cometimentos, ei-los arrojados a novas empresas. Não podem estar parados. A apatia é estagnamento, é pântano, é morte. E eles precisam de correr, de viajar, porque a agitação é a vida, é o triunfo, é a glória! Sêgue-os a fama dos seus altos feitos. Levam na mente o sonho doirado das descobertas, chamejando-lhes nas veias um sangue ávido de lances temerários...

Por uma madrugada, havia no porto de Lisboa grande movimento. O Tejo corria alvoroçado, e o fio das suas águas cantava promessas, excitava marinheiros.

Que acontecera? Que facto sensacional obrigara a população alfacinha a ter madrugado naquele dia?

Numa pequena embarcação, que eles próprios inventaram e construíram, e que se pode comparar a uma casca de nós, três nautas vão seguir viagem. São o Pim, a Pam, e o Pum, que, á guisa de Yankees, vão viajar como turistas.

Para onde? Ninguém sabe. Nem eles próprios. Quem quizer saber vá perguntar ao Oceano. O capricho das vagas responderá.

Os tripulantes despedem-se. O seu director veio pessoalmente dar-lhes um abraço, para que a viagem seguisse com bons auspícios.

A embarcação vai levantar ferro. E á luz do sol, que já beija rutilmente as prateadas águas, espelha-se a legenda escrita sôbre o leme:

Audaces fortuna juvat.

Havia dois dias que tinham partido. Pim, ao leme Pam, no posto da T. S. F. e Pum, na artilharia de bordo.

No *Século* haviam-se recebido os seguintes comunicados:

1.º DIA — Viagem segue bem. Todavia Pim, consultando os astros, anuncia tempestade para breve.

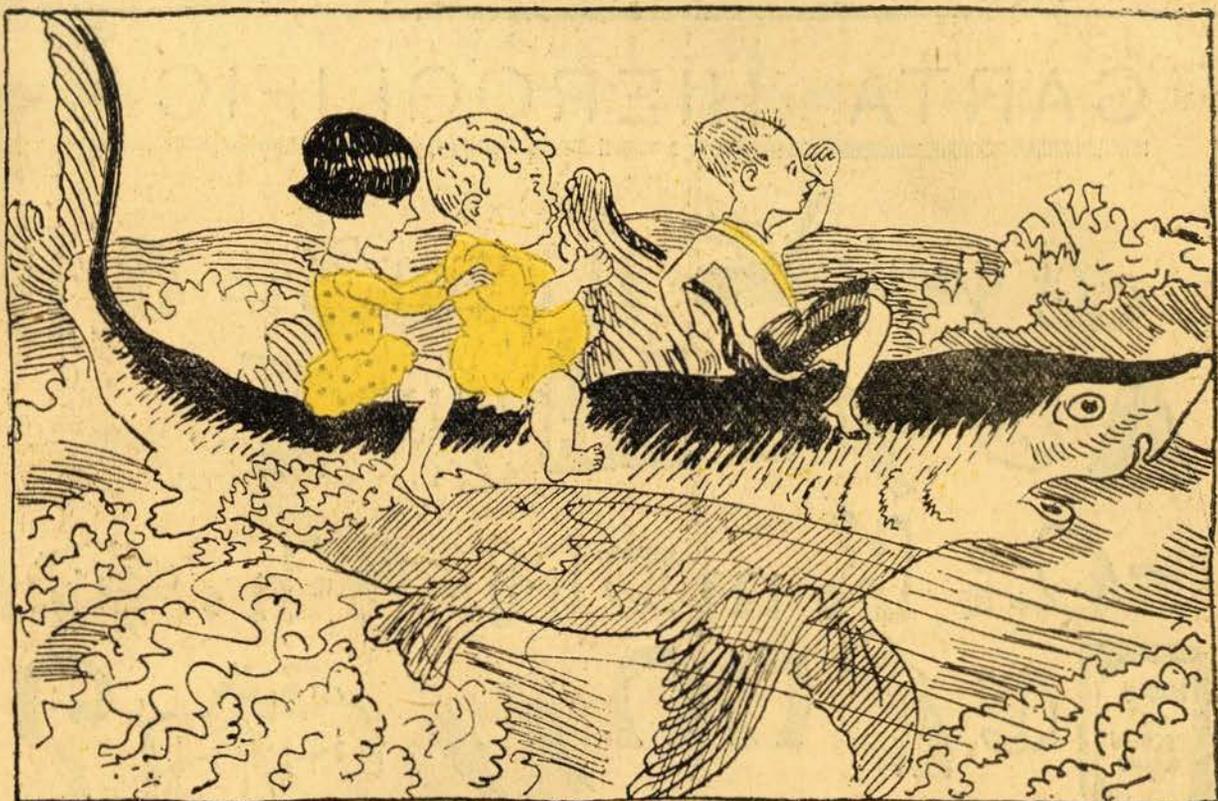
2.º DIA — Persegue-nos um tubarão. Pum vai alvejá-lo. O binóculo de Pim divisa no horizonte sintomas de borrasca.

3.º DIA — O Pum disparou uma bombarda contra o tubarão, que desapareceu. O mar está bravo.

—A embarcação mete água por todos os lados. Como a Nau Catrineta, não sabemos por onde seguimos.

—A tempestade aumentou. Pim já não pode segurar o leme. As ondas parecem montanhas, e no mar abrem-se abismos como crateras.





—O barco vai sossobrar. Desta vez a fortuna não ajudou os audazes.

—S. O. S.—S. O. S.

—Tudo perdido! Adeus!

Assim acaba a glória do mundo. Pobres náufragos, ao sabor do mar revolto, em que as vagas se elevavam como a lava de um vulcão... Depois de tantas aventuras, de tantos perigos vencidos, ei-los perdidos no mar esquecidos, abandonados...

Morte inglória!... Nem sequer ali se poderia erguer um monumento, onde se esculpisse a seguinte legenda:

«Aqui jazem o Pim, a Pam e o Pum, três heróis afamados. Preito da História!»

Que lhes acontecera?

Cuspidos da embarcação, apenas lhes restavam os cintos de salvamento para não se afogarem no abismo das águas. O céu estava escuro, e todo o mar envolvido em trevas, apenas iluminado, de vez em quando, pelo faiscar dos relâmpagos, apresentando mais tétrica e lúgubre ainda aquela situação, que o rugido das ondas tornava desesperada.

Os náufragos não podiam tomar uma direcção, não podiam mesmo pensar no salvamento. De repente, apparelhes o tubarão. Ao vêem-no, desmaiaram. E quando voltaram a si, estavam sôbre terra!!!

Julgaram uma visão dos seus sentidos. Quem sabe?! Depois de tantos horrores, em que sentiram a agonia fechar-lhes as portas da vida, não era de estranhar que enlouquecessem.

Mas não. Era a realidde. Que se tinha, então, passado?

Eu conto já.

O tubarão, tendo-os seguido sempre, embora oculto, para se livrar da acção da artilharia, ao vê-los á sua dis-

posição, sonhou com um magnifico pitéu. E disse com as suas escamas:

—Guardado está o bocado...

Mas, afinal de contas, todos três não lhe davam para a cova de um dente. Não valia a pena, por tão pouco, preparar a mesa. E teve um impulso humanitário.

Passados instantes, os peixes, atônitos, boquiabertos, vium passar um tubarão com três cavaleiros, seguindo rumo desconhecido.

Singular cavalgada aquela...

Na vida de Pim, Pam, Pum, frequentes vezes teem surgido passágens encantadas. Nem é de admirar que eles, andando a cumprir o seu fado, sejam protegidos por fadas.

Ao voltarem a si, vendo junto deles o tubarão, iam desmaiando outra vez. Mas o tubarão disse que não lhes fazia mal. Então os tubarões também falam? Se eles estavam numa ilha encantada, perdida da rota dos navegantes, nada há que estranhar.

Os náufragos resignaram-se, então, com a sua sorte e trabalharam para sair daqueles apuros. O mar arrojáralhes á praia o aparelho de T. S. F., embora bastante danificado. A embarcação não appareceu mais.

E querem saber o que eles comiam? — Era peixe. Ligaram os atacadores do seu calçado uns aos outros, e numa ponta ataram uma bota. Assim faziam a pesca. Os seus expedientes engenhosos são a garantia absoluta que lhes permite todos os triunfos. Ainda bem!

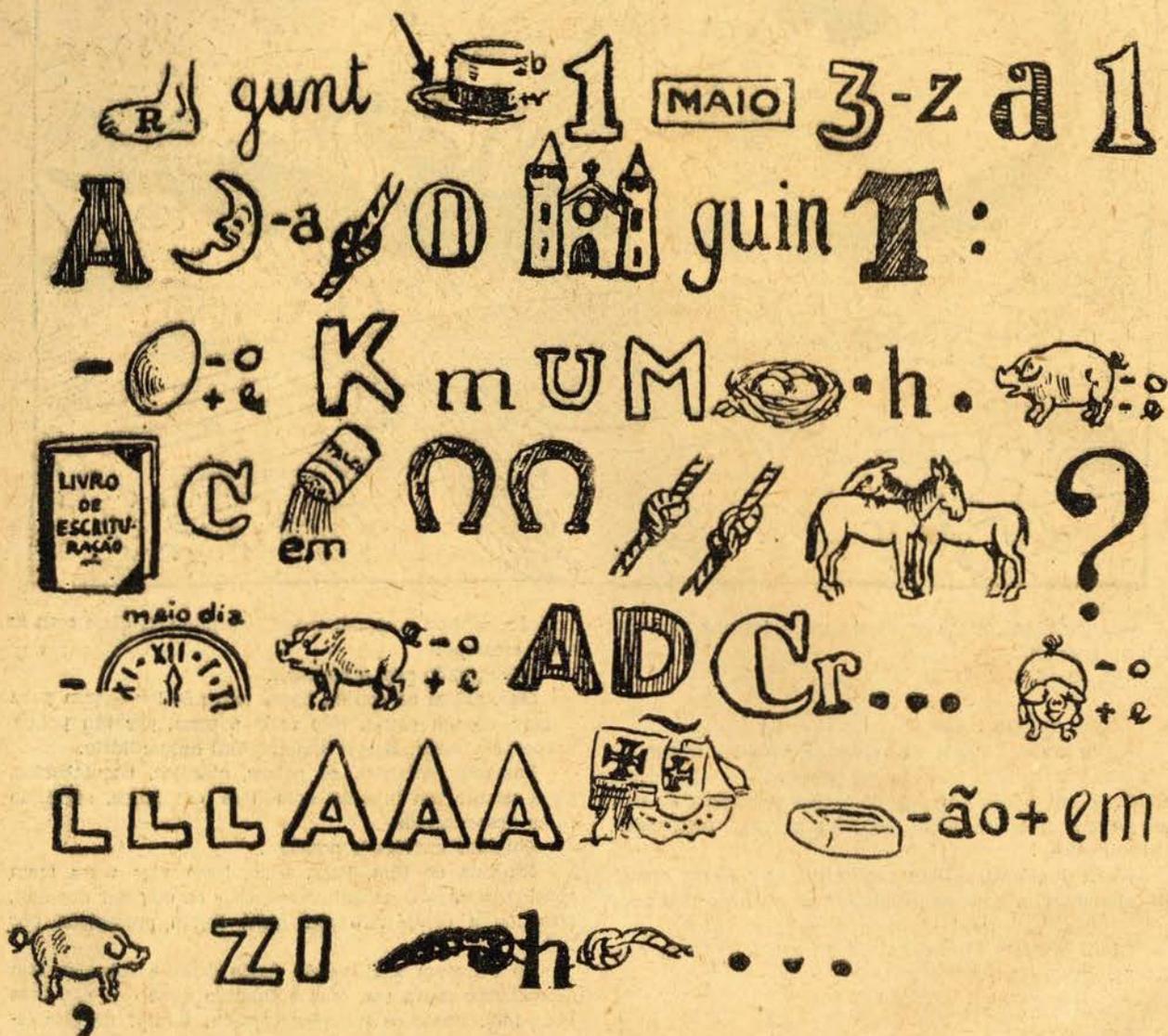
Concertado o aparelho, depois de Pim ter estudado pelas estrélas o lugar onde se achavam, communicaram á navegação a latitude e longitude daquela posição.

Estavam salvos!

Faziam-se as despedidas. Em breve chegaria um trasatlântico para os conduzir. Os náufragos, então, para mostrarem o seu reconhecimento, realizaram uma récita de homenagem ao seu salvador, a que assistiram todos os peixes.

Santo António, o glorioso taumaturgo português, pré-

CARTA HIEROGLIFICA



gou aos peixes. Pois Pim, Pam e Pum tiveram a honra de recitar na sua presença.

Pim tomou a palavra. Com voz aflautada começou:

«Ora vivam, meus senhores,
Cá estou eu a recitar!
Venho contar meus amôres,
Porque já sei namorar!

Ela é uma moça bela,
Até mesmo de encantar.
Mas já são tantos a ela,
Que eu, por mim... fico a cheirar!

Este bigode pintado,
Botou-m'o o A. Castané...
Se ela me visse barbado,
Dava-me um beijo... Olaré!

Mas olhem que isto é segrêdo!
Se meu pai vem a sabê-lo,
Há-de dizer que ainda é cêdo,
E chega-me a roupa ao pêlo!

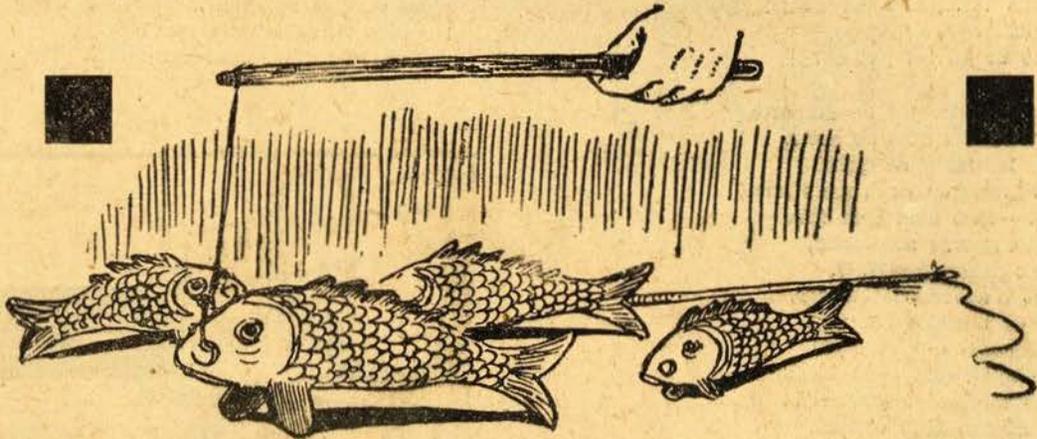
Que ninguém lhe vá contar...
Peço-vos por vossas almas,
—E agora, p'ra terminar,
Dêem uma salva de palmas!

Como os espectadores não tinham mãos para bater palmas, batiam com as barbatanas na água. Seguiu-se o Pum, arrogante, terrível:

«Meus senhores, sou Sansão,
Um hércules, um valiente,
Capaz de pôr, de roldão,
Uma inteira multidão,
Que encontrar na minha frente!

(Continua na pag. 8)

HORA DE RECREIO



O JOGO DOS PESCADORES

DECALQUEM em cartão dez ou doze peixes como a gravura indica, fazendo-lhes no sítio da boca um buraquinho pequeno.

Poderão colori-los com aguarelas, numerando-os, conforme a quantidade de peixes.

Com uma ou mais caninhas e um cordel, na ponta do qual se amarra um alfinete em forma de gancho, fazem-se as canas de pesca.

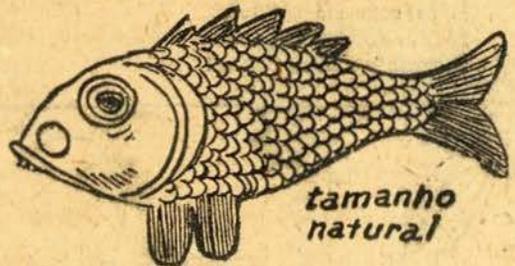
Põem-se os peixes no chão, conforme a gravura indica.

Coloca-se um banco ou cadeira à frente, fazendo de margem.

De cima dêse banco tentam pescar os peixinhos com um ou vários anzóis ao mesmo tempo, claro está, um para cada parceiro.

Aquele que conseguir pescar mais peixes em menos tempo, ganha o jôgo.

TIO TÔNIO.



Aparelho para reproduzir desenhos

Faz-se uma prancheta de madeira, cujo comprimento seja aproximadamente o dôbro da largura e que tenha a espessura de 2 ou 3 centímetros.



Arranjem dois tacos de madeira com ranhura para o vidro que deverá ser sem defeito e bastante polido.

Cercar o vidro com papel, para ficar um aspecto mais agradável.

O vidro deverá conservar a posição vertical. Orientando-o como a gravura indica e, olhando um e outro lado ao mesmo tempo, verão reflectida no outro lado a imagem a reproduzir.

Prende-se o modelo e o papel em branco com «punaises»; segue-se o modelo reflectido com lápis ou à pena e, desta forma, se reproduzem, com toda a facilidade, desenhos ou fotografias sem alterar o modelo com descalques ou qualquer outro processo.

TIO TÔNIO.

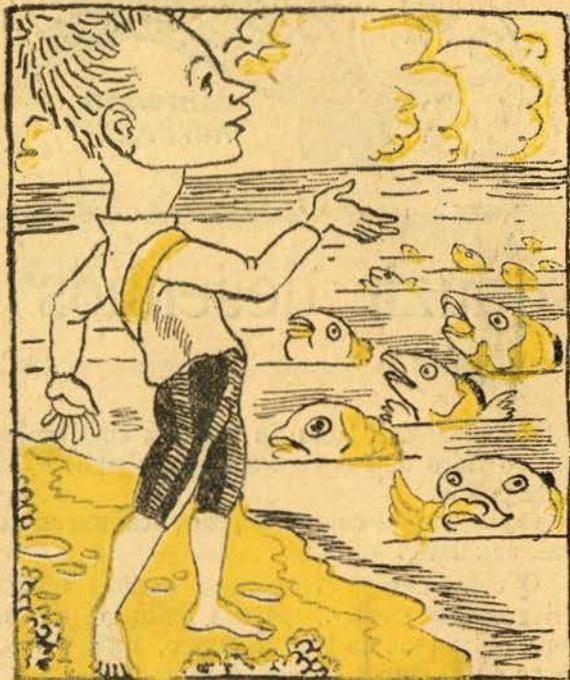
(Continuado da página 6)

Podem crer no que lhes digo,
No caso que vou contar:
—Uma vez, p'ra amor dum figo,
Em luta com o inimigo,
Pû-lo de pernas p'ra o ar!

Nos meus treinos de desporte,
Esmurro um saco de areia.
E se fôr marê de sorte,
P'ra provar que sou mais forte,
Zás! — faço uma cara feia.
E tão grande sóco atiro,
Que o ponho logo K. O.
Todo o adversário eu viro,
Té os sentidos lhe tiro,
E reduzo-o a terra e pó!
Não estou com meia medida:
—De tarde faço exercício,
De manhã faço corrida.
Se assim não ganhar a vida,
Irei tratar de outro ofício!

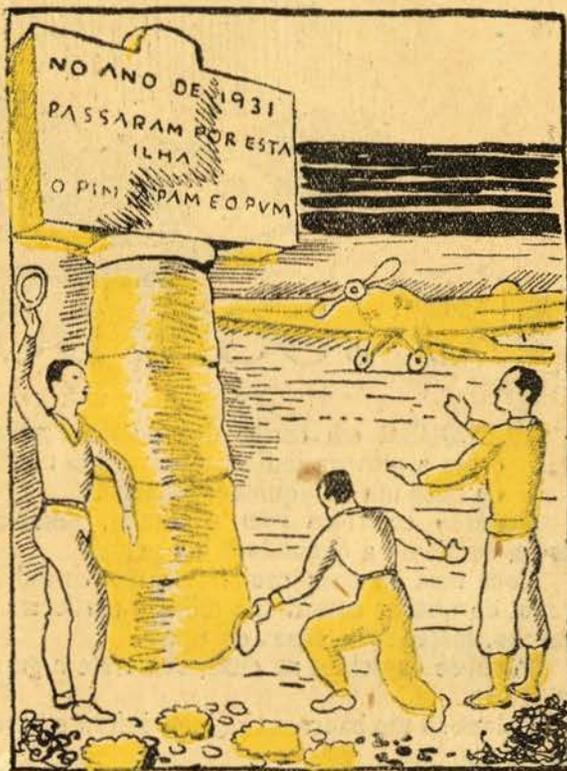
Mas ganharei, porque não?
O que é preciso é ter sorte.
Olhem Santa Camarão
que tem ganho um dinheirão
Pela América do Norte!

Ainda me hei-de resolver
A ir dar-lhe uma visita,
E se com êle fôr ter,
Muitos dollars vou colher
E arranjo «miss» bonita!



Sim senhor! E porque não?
Hei-de lá ir também, pois,
Aproveito a ocasião;
Faço-me um grande campeão.
Dou um murro e apanho dois!...

E se quem me está a ouvi
O que dizer aqui vim,
me desejar aplaudir...
—Não tenha mãos a medir
E bata palmas sem fim!



Alguns peixes, ao principio, fugiram espavoridos, mas, em breve, regressaram para o aplaudir. Todavia, a verdadeira apoteose reservava-se á Pam que cantou, com a melodia de uma Calhandra, uma canção original de Santa Rita. Todos julgavam que era uma sereia.

Entretanto chegou o barco. Entre abraços e lágrimas disseram-se os adeuses e quando os naufragos, de bordo, acenavam com os lenços, viam-se ainda os peixes chorarem de saudade...

E vamos terminar, leitorzinhos meus, pois já fui muito extenso e vós não estais para maçadas.

Passaram-se anos. As carreiras marítimas tinham cedido a vez á navegação aérea. E, um dia, um avião, com uma panne no motor, viu-se obrigado a descer naquella ilha. Qual não foi o espanto dos seus tripulantes, ao vêrem lá erguido um padrão onde se lia:

«No ano de mil novecentos e trinta e um, passou por esta ilha o Pim, a Pam e o Pum».

E' que o Pim, a Pam e o Pum são três heróis afamados! A História, um dia, há-de falar deles...



F

I

M

